



O Nobel da Economia norte-americano vem a Portugal dia 18 de Janeiro

BOBBY YIP/REUTERS

ROUBINI: ITÁLIA ESTÁ PRESTES A PEDIR AJUDA

Entrevista Nouriel Roubini, economista americano, considera que a Itália está prestes a perder o acesso aos mercados, devendo por isso estar para breve o recurso a um empréstimo internacional. Os juros da dívida italiana no mercado secundário negociam actualmente acima dos 7% nos prazos mais longos (10, 15, 20 e 30 anos) e acima dos 5% e 6% nos mais curtos. Para Roubini, estes valores significam que a dívida italiana “está fora de controlo” e que o fundo europeu deve ser reforçado rapidamente. “Vamos ser claros, isto está prestes a acontecer em Itália”, alertou.

uma solução para a actual crise, ou mesmo uma panaceia para evitar futuros eventos de crédito. “As respostas que emergiram da Europa em Dezembro, infelizmente, focam apenas a austeridade”, começa por apontar o Nobel da Economia.

“As propostas [limitar dívida e défice por norma constitucional] não teriam evitado os problemas actuais”, assegura, dando como exemplo o caso de Espanha e da Irlanda: “Tinham excedentes orçamentais e níveis baixos de dívida em relação ao seu produto interno bruto.” Mas mesmo que venham a impedir futuras crises, assegura, de nada servem para resolver o caos actual: “Mesmo que previnam futuras crises, não são a solução para a crise actual. E é só uma questão de tempo até que os mercados percebam isso mesmo”, concluiu em declarações ao *i*.

MERKOZY, CIMEIRAS E GRÉCIA Indiferentes às vozes contra as medidas que vão sendo adoptadas pela Europa, Angela Merkel e Nicolas Sarkozy estiveram ontem reunidos a debater a crise dos 17 estados do euro e qual a melhor forma de aprofundar as decisões tomadas na referida cimeira de Dezembro último. Segun-

do a chanceler alemã, que falou no final da reunião, “há boas hipóteses de se alcançar” um acordo até ao final de Janeiro. Em causa o novo tratado para a União Orçamental que define novas regras orçamentais para os países do euro, incluindo a perda de soberania dos Estados e a inscrição de limites ao défice e à dívida através de leis “de natureza constitucional ou equivalente”, conforme a proposta conhecida em meados de Dezembro.

A situação da Grécia foi outro dos temas debatidos. Atenas voltou a ser colocada entre a espada e a parede pela troika – como ocorre a cada tranche que precisa de ser saldada, sendo que a próxima tem que ser entregue até Março. A troika pede agora que o governo grego reduza o valor do salário mínimo para menos de 500 euros – hoje está nos 600 euros –, uma ideia recusada pelo governo em funções. Além disso, a troika quer que as negociações com os credores gregos fiquem resolvidas. “De outra forma, chegaremos a um ponto em que não seremos capazes de pagar a próxima tranche de ajuda à Grécia”, alertou Angela Merkel. Tanto Sarkozy como a chanceler alemã concordam que os investidores privados detentores de dívida grega devam sofrer perdas.

Bruxelas põe três mil milhões no mercado para emprestar a Portugal e à Irlanda

Os investidores já pagam para comprarem títulos de dívida da Alemanha, que negociou ontem em juros negativos a seis meses

●●● A Comissão Europeia colocou ontem no mercado 3 mil milhões de euros de títulos de dívida a longo prazo, utilizando o mecanismo europeu de estabilização financeira, para conceder novas tranches do empréstimo a Portugal e à Irlanda. “Esta operação foi levada a cabo pela Comissão Europeia através do Mecanismo Europeu de Estabilidade. Das receitas, Portugal e a Irlanda vão receber 1,5 mil milhões de euros cada, como parte dos seus pacotes de assistência financeira”, refere a Comissão Europeia.

O executivo comunitário, que conduziu a operação em nome da União Europeia, afirma que a grande procura dos títulos de dívida, com uma maturidade de 30 anos e juros de 3,75 por cento, é uma prova da confiança dos mercados na União Europeia, e permitirá que Portugal e Irlanda recebam mais 1,5 mil milhões de euros cada à luz dos respetivos programas de assistência financeira.

Esta foi a primeira emissão de dívida do ano pela União Europeia, que em 2011 recolheu, num total de sete transações junto dos mercados, 28 mil milhões para o mecanismo europeu de estabilização financeira, dos quais destinou 14,1 mil milhões a Portugal.

Na operação de ontem, a procura teve quase toda origem na Europa, com grande destaque para a Alemanha (70 por cento dos investidores).

Do pacote total de ajuda externa a Portugal, no montante global de 78 mil milhões de euros, um terço é concedido pela UE ao abrigo do EFSM (26 mil milhões cada), outro tanto através do EFSF (Fundo Europeu de Estabilização Financeira), e a terceira fatia, de idêntico valor, é garantida pelo Fundo Monetário Internacional (FMI).

Entretanto, a Alemanha surfa nos mercados em delírio: o temor do caos na zona euro é tão grande que os investidores dirigem-se para os títulos de dívida que consideram mais seguros.

Ontem, a Alemanha vendeu 3,9 mil milhões de euros em obrigações a seis meses, numa operação em que os investidores pagaram juros negativos, ou seja dispuseram-se a perder dinheiro para assegurarem o investimento em títulos de dívida alemães.

Segundo um analista do Crédit Agricole, citado pela Bloomberg, “os investidores estão a dizer que precisam de aplicar o seu dinheiro num activo super seguro”. Entretanto, o BCE continua a injectar liquidez na zona euro. O investimento subiu para 1.104 milhões de euros, contra os 462 milhões da semana anterior, informou ontem o Banco Central Europeu. O BCE avançou também que tem cerca de 213 mil milhões de euros em títulos de dívida que vão ser usados hoje numa oferta de depósitos, numa operação em que oferecerá uma taxa de juro de um por cento aos bancos.

Portugal e Irlanda
vão receber 1,5
milhões cada do
dinheiro posto
ontem no mercado

BCE vai emprestar
hoje 213 mil
milhões aos bancos
a juros de um por
cento

Alemanha surfa
nos mercados.
Investidores pagam
para comprar
dívida alemã